

TEATRO E TRANSEXUALIDADE: NARRATIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM GENI, DE NELSON RODRIGUES, NA EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER TRANSEXUAL

Jessika Villalon Sousa Cruz

*Mestra do Curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade
Federal - TO, jessikaavillalon@gmail.com*

Resumo

Este trabalho faz uma narrativa sobre o processo criativo de uma cena teatral, a partir da visão de uma atriz transexual, fazendo um diálogo com os principais autores relacionados aos estudos de gênero e sexualidade, como Foucault e Butler, delineando as vivências de uma pessoa transexual dentro da sociedade, com seus desafios e enfrentamentos. Foi realizado um relato de experiência da construção de uma personagem cisgênero, interpretada por uma atriz transexual. Objetivou-se relatar como se deu a construção da cena em spin-off inspirada na personagem Geni, da obra dramaturgica “Toda nudez será castigada”, de Nelson Rodrigues, relacionando com a experiência pessoal da pesquisadora.

Palavras-chave: Travestis e transexuais, Processo criativo, Teatro, Identidade.

Introdução

Esta pesquisa surgiu a partir do interesse em realizar uma investigação sobre Teatro e Transexualidade, desenvolvida durante minha graduação em Licenciatura em Teatro, que deu origem ao meu trabalho de conclusão de curso intitulado Teatro e Transexualidade: Narrativa sobre a Construção de uma Personagem na Experiência de uma Mulher Transexual.

A partir de um convite para interpretar uma cena na Disciplina de Direção Teatral, decidi realizar a pesquisa sobre sexualidade e identidade de gênero ligada às práticas desenvolvidas durante as disciplinas do curso, com o objetivo de refletir acerca do preconceito de gênero, bem como o machismo, e levantar um questionamento sobre o sexo e o Teatro.

A cena teve uma boa repercussão por apresentar uma pessoa transexual interpretando uma mulher cisgênero. Enquanto mulher transexual, pude compreender o caráter crítico social, e como a sociedade ainda pode se incomodar com o gênero dentro do Teatro. A discussão de gênero tem a ver com discussão de corpo e também da corporeidade, pois é provável que corpos híbridos, que expressam dualidade, causem estranhamento nas pessoas.

Espera-se com este relato de experiência que as pessoas oprimidas, discriminadas, ou que não sejam aceitas em seu meio social, sintam-se motivadas a realizar reflexões semelhantes e principalmente as pessoas transexuais possam ter mais acesso às universidades e em todas as esferas da sociedade.

Este trabalho abordará pontos dentro do processo criativo para uma cena da personagem Geni, de “Toda nudez será castigada”, de Nelson Rodrigues, fazendo uma analogia com a transexualidade da atriz, dentre os preconceitos em comum em que as mulheres, sejam cisgênero ou transexuais enfrentam dentro da sociedade, e a utilização do teatro como crítica e resistência.

Durante o curso de Licenciatura em Teatro na UFT (Universidade Federal do Tocantins), tivemos aulas que tomo a liberdade de classificar como bastante pessoais, que estimulavam o artista íntimo de cada aluno. As práticas teatrais levavam a um afloramento da sexualidade enraizada. Portanto, sempre que pude, tentei realizar pesquisas corporais e pesquisas de textos dramáticos que fugissem da “normalidade”

ou dos padrões impostos pela sociedade, padrões estes determinados pela heteronormatividade, como a família perfeita composta por pai, mãe ou filhos, buscando textos desafiadores ou transgressores como os textos de Nelson Rodrigues. Em algumas disciplinas senti grande dificuldade, principalmente por ainda ter traumas adquiridos na infância.

Por ser uma pessoa transexual, percebo que a sociedade brasileira está longe de respeitar a identidade de gênero, seja por motivos religiosos ou culturais, ainda mais quando uma mulher trans interpreta uma mulher cis, com cenas de nudez, causa um verdadeiro estranhamento, ou até mesmo desperta reações e comentários negativos, generalizando e classificando as pessoas trans como inferiores. O travestimento artístico-teatral não é recente. Desde o surgimento do Teatro, homens interpretavam papéis femininos. Mulheres também interpretam papéis masculinos. O que diferencia os atores e atrizes cisgêneros dos (das) trans? O preconceito. As pessoas trans são, em sua maioria, discriminadas e excluídas da sociedade, sendo muitas vezes repudiadas nas escolas, do convívio social e de suas próprias famílias. São poucos transgêneros que concluem o ensino básico, e tampouco um curso superior.

O presente trabalho se justifica pela necessidade de dar visibilidade às questões de transexualidade dentro do teatro e da sociedade, haja visto o grande poder social do teatro e o grande preconceito com as pessoas transgênero, utilizando do teatro como uma ferramenta para o enfrentamento do preconceito.

Metodologia

A pesquisa realizada é de natureza exploratória de abordagem qualitativa. O método utilizado foi o relato de experiência orientado pela pesquisa bibliográfica e documental, para melhor compreender aspectos relevantes ao processo da construção de uma personagem teatral mulher cisgênero na perspectiva de uma atriz mulher transexual. Através de uma observação participante da pesquisadora, foram realizados também registros em vídeo e fotografias.

Referencial teórico

As atrizes por muitas vezes tiveram que representar papéis com estereótipos “femininos”, como papéis de mães ou de adolescentes

castas, ao longo dos séculos. (Buscatto, 2016). Uma representação de uma personagem feminina, por uma atriz transexual causa um estranhamento, pois espera-se que tais personagens sejam interpretadas por mulheres cisgênero. É como os questionamentos levantados por Lopes (2016):

O que acontece quando a travesti anda na rua? Como o(a) artista de rua é visto em seu trabalho? O que ocorre do encontro/choque de diferentes bandeiras na rua, como palco das atuais manifestações políticas? Misturando um pouco: quais reações são provocadas pela ocupação da rua por travestis e transexuais na ação do teatro? E quais as palavras e bandeiras políticas do ativismo trans ecoam nas ruas em manifestações públicas? (LOPES, 2016)

A sociedade sempre tende a colocar à margem tudo aquilo que é diferente dos padrões. Os desejos sexuais, bem como as condutas, fazem com que esse comportamento seja perpetuado, e tudo que “fugir à regra” estará fadado à opressão, como nos diz Foucault (2010):

(...) quer se lhe empreste a forma do príncipe que formula o direito, do pai que proíbe, do censor que faz calar, do mestre que diz a lei, o sujeito é constituído como sujeito – que é “sujeitado” – e aquele que obedece. À homogeneidade formal do poder, ao longo de todas essas instâncias, corresponderia naquele que o poder coage – quer se trate do súdito ante o monarca, do cidadão ante o Estado, da criança ante os pais, do discípulo ante o mestre – a forma geral da submissão (p. 95).

Qualquer ator e atriz, ao brincar com outras identidades, busca em sua interpretação um sistema igual ao que se imagina, no contexto vivenciado pela personagem (tempo, local, época, condições financeiras, familiares, etc.). A personagem Geni é atual, mas para a época que foi representada, foi colocada fora dos padrões, tida como “mulher da vida” e fora da ideologia conservadora que padronizava aquela época. Uma atriz transexual, ou o simples fato da transexualidade levanta questões semelhantes nos dias atuais.

É preciso compreender que a identidade sexual é definida pela personagem quando se está em cena, e não pelo corpo do ator. Os atos e atitudes que definem alguém como homem ou mulher, baseados em

ações sexistas, são desenhados através dos gestos, movimentos, e de toda performance. Para Butler (2003):

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. (BUTLER, 2003, p. 195)

No cinema brasileiro existem inúmeros filmes que apresentam personagens transgêneros, mas sua maioria apresenta o aspecto de erotização de travestis, ou utilizam-se destas personagens como motivo de piadas. Esse tipo de filme, contribui para erotizar ainda mais a população “T”, ajudando no conceito que travestis e transexuais são apenas objetos sexuais. De acordo com Vivianne V (2014):

A manutenção da posição dominante de normatividades cisgêneras constitui (e é também por ela constituída) uma hierarquia de pessoas humanas conjuntamente a outras normatividades [...]. Assim, o corpo transgênero que se modifica, associado com frequência ao bizarro e ao desumano, vai se resignificando dentro de um contexto inferiorizante. Em minha experiência, a transição tem sido um processo em que alegrias e desafios interessantes [...] interagem com fortes discursos que a deslegitimam, como por exemplo a ideia [...] de que um corpo onde convivam seios e pênis, por exemplo, é indesejável e/ou exótico (V., 2014, p. 6).

Como professora de teatro em formação foi necessário por muitas vezes tentar compreender o processo criativo e relacionar como isso acontecerá quando eu estiver em exercício, na sala de aula. Para o processo criativo de “Os devaneios de Geni”, tive que fazer parte da

criação da encenação, juntamente com o diretor, sendo protagonista e pude perceber que assim como a docência, ser uma artista exige um enorme comprometimento, desde o planejamento até a execução.

Ser uma futura professora, encenadora, exige que a experiência em teatro seja permanente, com estudos, assistir outros grupos e companhias, ler novos roteiros e buscar novos sentidos para as práticas teatrais. Sobre isso Larrosa (2011) parafraseia:

“saber expressar seu posicionamento artístico com relação ao teatro contemporâneo; reconhecer as principais referências históricas e teóricas da sua prática; saber elaborar projetos de intervenção cultural e pedagogia do teatro; coordenar o aprendizado da leitura do espetáculo contemporâneo; conduzir o grupo de iniciantes e/ou atores desde a escolha do tema, até a efetivação do acontecimento cênico, sem perder o aspecto lúdico do processo; saber avaliar e redigir textos que sistematizem sua prática.” (LARROSA, 2011).

Assim, uma professora encenadora precisa estimular a criação e o protagonismo dos alunos, compreendendo o “espetáculo contemporâneo”, não sendo apenas uma reprodutora de técnicas e jogos teatrais, mas estimulando a pesquisa individual e valorizando cada elemento, bem como os alunos.

O teatro tem uma função e responsabilidade social. Brecht afirma que todos os atores podem aprender com o teatro de Stanislavski: “(Ele) ensinou aos atores a importância social do jogo teatral. Para ele, a arte não é um fim em si, mas ele sabia que no teatro nenhum objetivo é alcançado se não for pela arte” (COSTA, 2011).

Assim, ele afirma que o ator se consagra ao seu papel. Com isso, esse ato de se consagrar significa que o ator precisa se identificar ao máximo com sua personagem para poder desempenhá-la bem, mas se livrando de influências de sua vida privada, sendo estimulado pela sua observação e percepção, bem como sua imaginação.

No processo de construção da personagem Geni tive que lidar com o meu próprio preconceito com meu corpo, o fator de estar acima do peso, tendo que verdadeiramente abrir mão dos meus complexos pessoais, entendendo que em cena não era minha persona, e sim a personagem Geni, possibilitando que eu me livrasse de autojulgamentos. É como Stanislavski disserta sobre o corpo:

“Se não usarmos nosso corpo, nossa voz, um modo de falar, de andar, de nos movermos, se não acharmos uma forma de caracterização que corresponda à imagem, nós provavelmente, não poderemos transmitir a outros o seu espírito interior vivo” (Stanislavski, 2001:27).

Com a leitura de “Toda nudez será castigada”, percebemos o contexto histórico, o estilo trágico, as personagens e todas as informações que utilizamos para fazer a adaptação do texto. Mas quando falamos do papel a ser encenado não existe uma fórmula pronta, sendo de responsabilidade da atriz a caracterização da personagem que será interpretada. Stanislavski também afirmava que:

“Cada indivíduo desenvolve uma caracterização exterior a partir de si mesmo e de outros; tirando-a da vida real ou imaginária conforme sua intuição, e observando a si mesmo e aos outros. Tirando-os da sua própria experiência de vida ou da de seus amigos, quadros, gravuras, desenhos, livros, contos, romances ou de algum simples incidente, tanto faz. A única condição é não perder seu eu interior enquanto estiver fazendo essa pesquisa exterior”. (Stanislavski, 2001:32)

Assim, ele afirma que a inspiração do artista está dentro do subconsciente, pois as ideias e elementos estão implícitos nele. É importante ressaltar a reprodução através da observação, através da experiência vivida. Para Geni, fizemos considerações sobre como seria todo o contexto de vida da personagem, e decidimos fazer uma releitura contemporânea. Tentei imaginar como ela se sentia, sua forma de falar, de andar, como ela enxergava os outros, para que depois eu pudesse criar a minha própria versão da Geni. De acordo com Stanislavski (2006):

os sentimentos apresentados pelo ator no palco resultam de um contato entre o ator e a situação em que se encontra a pessoa que ele está retratando, por meio da imaginação. Essa organiza Fatos, sentimentos, lembranças adquiridas na concretude da vida do ator para que este vivencie o papel como se Fosse ele próprio nas condições do seu personagem: “O se dá o empurrão na imaginação dormente, ao passo que as circunstâncias dadas constroem a base para o próprio se”

Compreender as circunstâncias vividas pela personagem significa que quando interpretamos não deixamos de ser nós mesmos para ser outras pessoas. Viola Spolin (2001) diz que o ator é “como um ser humano trabalhando com uma forma de arte e não como alguém que mudou de personalidade para o bem de um papel em uma peça” (p. 115). Assim, a experiência estética teatral parte do processo de criação, em que a atriz mistura suas vivências e sua existência para representar outra pessoa no palco.

Resultados e discussão

Em suas obras, Nelson Rodrigues levava tudo para uma esfera misteriosa e sexual. Essa ligação com o sexo fez com que Nelson Rodrigues chocasse a sociedade em sua época, através de textos que desafiavam a “moral e os bons costumes” da sociedade.

“Toda a nudez será castigada” não foge a esta regra, explorando esta moralidade exacerbada e os corpos dos personagens envolvidos como o corpo virginal de Serginho, que fora violado por um ladrão boliviano ou o corpo de Herculano que se manteve como que virgem após a morte de sua esposa. Herculano entra em uma depressão profunda, e seu irmão Patrício procura a prostituta Geni para tirá-lo da tristeza. De início, Herculano rejeita a ideia de se deitar com uma prostituta, mas depois aceita e se apaixona por ela.

O corpo em questão é o de Geni. A prostituta, conhecida dos homens e dos prazeres da carne, indigna de ter um casamento como o de qualquer mulher. Ao ler “Toda nudez será castigada” logo me identifiquei com a personagem Geni. Talvez essa identificação surgiu pelo fato da personagem e eu compartilharmos de uma personalidade semelhante, com sentimentos aflorados. O crescimento da personagem e sua evolução também me chamaram bastante atenção. Ela começa de forma tímida, conhecendo um viúvo e durante a peça cresce de uma tal forma em que se vê presa aos seus sentimentos românticos e vê sua vida mudar de uma forma inexplicável.

Possivelmente essa mudança da personagem tenha feito com que eu me identificasse mais com ela. Também passei por grandes mudanças na vida, durante minha transição de gênero, tendo que aceitar a oposição da sociedade, da família, e até mesmo de muitos amigos. Quando decidi fazer a transição de gênero também me senti colocada à parte da sociedade, assim como a personagem Geni, que

morava em um prostíbulo, estando apartada, colocada em uma posição inferior.

Existe outra questão em que acredito que me aproxima dessa personagem, a objetificação sexual. Muitos homens veem travestis e transexuais apenas como meros objetos de desejo, para realizar suas mais íntimas fantasias sexuais. Geni, enquanto prostituta, também era realizadora de desejos sexuais. Também é notável que é muito raro que um homem assuma uma travesti ou transexual e se case com ela, tendo em vista que uma união desse estilo não seria bem vista aos olhos da sociedade. Na peça, Geni passa a ser aceita pela família de Herculano, mas suas tias tentam “apagar” seu passado, como se ela nunca tivesse sido uma prostituta.

As travestis e transexuais também sofrem a mesma reprovação da sociedade. Outro ponto em comum que me identifiquei com a personagem, foi o de que Geni sempre foi sedenta por encontrar o amor, e o busca primeiro em Herculano, mas se vê arrebatada por Serginho. Por não sermos bem vistas aos olhos da sociedade é muito difícil sair dessa zona de objetificação sexual e encontrar alguém que realmente esteja disposto a nos amar e querer construir um relacionamento.

A conexão entre pessoa e personagem facilitou o desenvolvimento de todo o processo de criação. É algo transcendente interpretar algo criado de fora, mas como persona, com sentimentos internos se deixando transparecer, através de uma identidade que se reconhece e que se reconstrói. Identidades que são escritas de formas distintas, em épocas diferentes, mas se misturam e se representam em cena.

“Toda nudez...” foi lançada no ano de 1961, mas os preconceitos apresentados em seu cânon perduram até os dias atuais. Temas como homossexualidade, volúpias, desejos, sentimentos de vingança, complexo de Édipo ainda estão vivos e presentes na sociedade atual, como se o tempo não houvesse passado.

Essa transcendência atemporal que conecta atriz e a personagem, demonstra que há uma ligação comum entre as pessoas, mesmo em épocas diferentes, como se fosse algo espiritual, em que a arte, na linguagem do Teatro representa os sentimentos mais profundos das pessoas, sendo uma representação fiel de tudo o que se deseja dizer e não pode ser dito.

Na peça em questão, o fetiche, os desejos secretos, a voracidade sexual faz com que o homem deixe tudo à parte, para encontrar o gozo, a realização das fantasias. A voracidade sexual das personagens

de “Toda nudez...” é apenas uma tradução do sentimento comum das pessoas, pois é inegável a interferência do sexo na criação das identidades.

Para esse processo de composição da personagem utilizei muito do eu – pessoal, nas experiências vividas através dos anos, da observação de outras peças com temáticas semelhantes, fazendo uma mistura do imaginário com o real, enquanto mulher transexual que é alvo de objetificação sexual, para trazer à vida uma personagem também objeto de realização de desejos íntimos.

Geni é um símbolo social. Ela representa as prostitutas, e todo o preconceito que elas sofrem. A sociedade costuma dizer que as prostitutas são pessoas que levam uma vida fácil, mas não procuram ver o outro lado, e que a prostituição é uma profissão, esquecendo-se de que as prostitutas também são seres humanos. Existem desafios na profissão de prostituta, bem como grandes riscos como diversos tipos de clientes, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. Assim como as prostitutas cisgênero, representadas por Geni, a grande maioria das travestis e transexuais estão em situação de prostituição, por falta de opção e empregabilidade, sendo desprovidas de seus direitos enquanto cidadãs, em virtude do preconceito arraigado na sociedade.

O teatro no século XX, partindo do trabalho de Stanilavski, ressaltava a organicidade, a partir de uma fonte de sentidos, sendo o texto e a interpretação como a ponte para a entrega à plateia. É muito importante notar que o teatro é um espaço ativo de discussão social.

As pessoas marginalizadas, como as prostitutas e travestis, que não têm viés no padrão da sociedade, precisam reafirmar sua existência diariamente, e também serem resistentes. O teatro é a arma de resistência, contra a dominação social imposta pelos padrões definidos pelas “classes superiores”.

Considerações finais

Desde a tenra idade vejo notícias sobre mortes de pessoas LGBT na televisão e em outras mídias. Sempre tive medo da violência. Me assusta o fato de que a maioria das pessoas como eu, transexuais, não terem as mesmas oportunidades que eu, para sentarem em uma carteira de uma sala de aula, em uma universidade federal. É raro quando algumas terminam o ensino básico, quem dirá o ensino superior.

A identidade sexual é um signo, e o teatro é uma plataforma que vem a problematizar esses significados, os tornando instáveis. A identidade sexual de cada indivíduo e a cultura sexual podem ser trabalhados com plenitude no palco, com o objetivo de desmitificação de tabus.

Todo corpo possui um sexo biológico, e quando o ator ou a atriz está em cena, este corpo se abre, rompendo com seu lugar social, assumindo outro corpo dentro da interpretação, através da teatralização. O que acontece é que o olhar de quem assiste pode atribuir significados para este corpo biológico, negando suas possibilidades. O sexismo é algo que está intrínseco na mentalidade da maior parcela da sociedade. As pessoas são divididas pelas suas preferências e um exemplo clássico é que: “menina não joga bola, homem não brinca de boneca”.

O palco ajuda a realizar essa contestação do corpo. Quando se está em cena, aquele é o seu corpo, mas representando o corpo de sua personagem. O corpo é livre, podemos interpretar pessoas, animais, objetos, entre muitas outras coisas. Nessa pesquisa procurei compartilhar minhas experiências pessoais, medos e desafios que tive que enfrentar para a criação de uma cena.

Posso afirmar que me vejo um pouco em Geni, e isso impede que eu seja parcial, pois atribui significados obtidos de experiências íntimas, fazendo um paralelo com a literatura científica disponível. É interessante como pude me identificar com uma personagem ficcional, relacionando o meu “eu” com a arte do Teatro.

É muito raro ver atrizes e atores trans em peças de teatro. Não é difícil de ver atores e atrizes cisgênero fazendo personagens trans, no teatro, cinema e televisão. É preciso que mais portas se abram para as pessoas transgênero, favorecendo a liberdade artística. Para o processo de criação de “Os Devaneios de Geni”, tive que ter um olhar diferenciado, refletindo além do meu corpo transgênero, mas realizando uma autorreflexão sobre minha feminilidade.

Acredito que a bagagem de cada artista influencia diretamente em sua representação cênica. Quando uma transexual fala de si mesma é diferente de um ator cisgênero falando de uma vivência trans. Mas o teatro não é exclusivamente autobiográfico. Ele impulsiona os corpos, os muda, transmuta, perpassa. A experiência é criada através do contato, pela performatividade de cada ator e atriz. Os artistas trans precisam lutar pela sua representatividade, assim como

os negros lutaram contra serem interpretados por pessoas brancas, ou como as mulheres cis lutam por um maior espaço, pelo direito de voz e de atuação.

É preciso que haja mais artistas trans, e que suas criações e encaixes sejam divulgadas, tirando esses artistas dos guetos, em que por muitos anos valorizaram a arte trans.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, I.C. **Aproximação e distanciamento: o interesse de Brecht por Stanislavski**. Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo. Disponível em: www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57074, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade v.1 Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2010.

LARROSA, J. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

LOPES, Herbert de Proença; PERES, Wiliam Siqueira; “**Crônicas Da Cidade: Vivências Trans, De Gêneros, De Teatros, De Trânsitos**”, p. 871-879 . In: Anais do XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas [=Blucher Social Science Proceedings, n.4 v.2]. São Paulo: Blucher, 2016.

RODRIGUES, Nelson. Toda nudez será castigada: obsessão em três atos. In: _____. Teatro completo. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

STANISLAVSKI, Constantin **A construção da personagem**. Tradução Ponte de Paula Lima. – 10ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

V., Viviane. **Pela descolonização das identidades trans**. Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Salvador: Volume 1, Número 1, 2012.